

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. 0-224
AMANHÃ
 Definitivamente
FLOR DO TOJO

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
 HOJE, às 8-45
OS NIBELUNGOS
 Uma cine-farça de Pamplinas
 Uma revista de actualidades

NO TEATRO MARIA VITORIA

A

revista
“Foot-ball,”
 e o que nos diz
 a brilhante actriz
Lina Demoel

Lina Demoel tem um nome gracioso e cantante. O seu rosto fixa sempre um sorriso iluminado de graça—que é o triunfo claro, brilhante, rápido e decisivo da sua arte. Artista de linhagem moderna, pessoal e voluntariosa, beleza emotiva iluminada pelo poder de criar e não de trabalhar, de viver e não de representar—Lina Demoel marca no nosso teatro um nobre e autentico valor. E' já hoje, indiscutivelmente, uma «vedetta» de grande estilo, que sabe sorrir, que sabe cantar, que sabe dançar, que sabe, sobretudo, imprimir aos papeis uma linha de tal significação, em con-



LINA DEMOEL

traste com a vulgaridade, que o publico nunca mais os esquece. Figura das plateias, a fulgurante «divette» interpreta com a mesma facilidade um numero-caricatura, onde ha a malicia dum «couplet» mais ironico e um numero cheio de distincção, onde a beleza tem a côr viva das rosas e as rosas o perfume delicado e emotivo da graça e do espirito.

Seis anos brilhantissimos de teatro e duas triunfais «tournée» ao Brazil, que foram qualquer coisa de muito lisongeiro para o nosso teatro, consagraram-na, definitivamente, como uma das primeiras figuras dos palcos de revista. A graciosa «estrela» do Maria Victoria interpreta na revista «Foot-ball», que sobe á scena amanhã, os principais papeis femininos, a que, decerto o publico, dispensará o mesmo acolhimento que tem dispensado ás dezenas de admiraveis creações que ela tem realisado. A elegante actriz faz nos algumas confidencias da «première»:

—«Foot-ball» é uma revista completa, com belos quadros de comedia e numeros que são verdadeiras «trouvailles». Gregos e troianos não se pouparam.

—Os seus numeros?

—São seis. «Madame Taxi» tem oportunidade e uma musica veloz, engraçada, saltitante. «Cabaret» é um numero de apresentação, com a extravagancia do meio. E' um contraste curioso. As «Rosas de Portugal» têm uma linda musica e uma linda letra, que o publico ha-de gostar de aprender. «Flor do Luxo» é um motivo interessante, cheio de capricho e de verdade cruel, em que interpreto uma figura de incerto destino. «Flor do Japão» é um quadro exotico, em que as mulheres são crisantemos dum encantado jardim Tenho, por ultimo, um final—que é o cartaz explicativo do «Foot Ball».

A CAMINHO DE ORAN...

As ultimas

palavras
 de Teixeira Gomes
 ao deixar esta tarde
 terras portuguezas

Na doca dos submarinos, ás 13.30 da tarde. O frio descansou um pouco e o sol aquece como um golo de vinho velho. Vamos assistir a um acto historico—o embarque do sr. Manuel Teixeira Gomes, ainda ha uma semana Chefe do Estado.

Resignou e parte—partiu. A noticia andou um pouco oculta nas estancias officiais e em Belem, apesar do sr. Teixeira Gomes ter sahido de lá para Gíbalta (Caxias), onde ontem teve uma hora de visita, com o sr. dr. Bernardino Machado. Os dois homens publicos, divididos por uma campanha, que o ultimo assinou—reconciliaram-se, talvez fóra de todo o protocolo. Entendido: Belem, o palacio, é official; Gíbalta, não. Ontem foi a vida intima, conversada sem politica e sem diplomacia, mas a ambas referida.

Na doca, ao largo do passeio, em frente dum quadrado de agua, onde um submarino «toma banho», na expressão castiça do ministro da Marinha e outro relampeja ao sol a sua coiracha cinzenta,—o ministerio demissionario.

A' cabeça, numa pelissa, friorento e doente—o sr. dr. Domingos Pereira, que está um pouco desiludido e tem para nós esta frase:

—A politica?! Mas, talvez a abandone.

—Nunca se abandona a mulher de quem se gosta, dissemos.

Domingos Pereira sorri. O ministro da Guerra puxa-o para o lado. E' uma conferencia de dialogo animado, que os presentes respeitam, distanciando-se.

O sr. dr. Veiga Simões, o sr. dr. João de Barros, mestre Columbano, que acabou o retrato de Teixeira Gomes, em sessenta sessões de pose; João de Deus Ramos; Torres Garcia e João Camoesas, ambos ministros; um diplomata—o da França—o unico chapéu alto do grupo; Barreto da Cruz e Viana de Carvalho do paço de Belem; general Vieira da Rocha; Pedro Bordallo Pinheiro, espirito de elegancia e de distincção; Artur Costa, senador antigo. E mais: vultos politicos, almirantes, jornalistas, fotografos, agremiações desportivas. Ao todo umas oitenta pessoas e uma multidão de sol, no rio e no céu, embandeirados de azul setim.

Os automoveis do sr. Teixeira Gomes e da comitiva passaram a linha ferrea, entre a musica ligeira dos cornetins. Eram da Marinha. Apearam-se os ajudantes. Depois, do segundo carro, o comandante Jaime Atlas. Por ultimo, o Presidente que resignou.

Traz uma alegria que não é postica. Um laticio breve, no colarinho gomado de fresco; a bengala de sempre, com volta e anilha de ouro; um chapéu mole e um sobretudo ligeiro, de homem acostumado ás neblinas de Londres.

Cumprimenta a um por um todos os presentes. As delegações desportivas despedem-se: desejam-lhe boa viagem. E nos agradecimentos vai tudo quanto ele fez pelo desporto, pela cultura fisica, pelos espectaculos ao ar livre.

Ao ministro da França, que diz ser sua intenção mandar um telegrama para Oran, terra francesa—significa:—«Mais non!» Vou passear. Sosinho.

O diplomata insiste e o sr. Teixeira Gomes insiste tambem. Ha uma nota de ternura. A filha do sr. Viana de Carvalho, acompanhada da mãe, entrega ao sr. Teixeira Gomes algumas rosas das de Portugal, mais frescas com o sol, e algumas violetas, caprichosas de frio.

O antigo Chefe do Estado, que todos ainda tratam por «Senhor Presidente», sorri. Beija a pequerrucha. A mãe tem uma lagrima de reconhecimento. Depois são os politicos. O sr. Teixeira Gomes entregou as flores de Portugal a um funcionario da Presidencia, pondo algumas violetas na lapela. Para o sr. dr. Domingos Pereira:

—Então, já ha ministerio?

Que não, que ainda não estava organizado.

—E sua filha?

—Melhor. Um pouco melhor.

Ha um amigo velho de Teixeira Gomes, o sr. Bivar, o que o saudá á antiga, com emoção e respeito.

Chegou a vez dos jornalistas. Um de nós interroga:

—O que diz v. ex.ª ao abandonar Lisboa?

—Desejo para o meu país e para a Republica todas as prosperidades.

E, como estivessemos descobertos, com a cara ao sol:

—Vá, cubram-se. — Familiarmente: — Deixem-se de brincadeiras.

—Quando volta?

—Não sei. Preciso de descansar. Tive 15 anos de captiveiro. Aqui e em Londres, onde tive muito trabalho.

Fugindo a qualquer pergunta que estivessemos formulando:

—Ha anos, ha muitos snos, estive com minha filha em Telemel-sen.

E descreve. Periodo breve. Pincelada fugitiva.

—Fica na fronteira do califado de Marrocos. Um monte. Minaretes. Arvores lindas. Um pouco do Algarve. Estive apenas três dias. Havia peste em Oran, que não tardaria a lá chegar.

—Uma lembrança que vai reviver...

—Viver! Guardo ainda o seu encanto de tranquilidade. Quietação espiritual. Quero ver se sinto agora as mesmas impressões.

O *Diario de Lisboa*, cortando:

—Regressa á sua carreira diplomatica?

—Mas não, que «estava cortada».

—E politica?

—Exerce-la-hei votando, quando estiver em Portugal. Escolhendo os representantes do país.

E mais nada. Sorrisos, apertos de mão novamente, a um por um. E' a despedida que começa. Ao cumprimentar Columbano, o mestre:

—Agora é tempo de acabar os «panneaux» do Parlamento.

Despede-se do «chauffeur» e do ajudante deste—mãos enluvadas: uma branca, outras cinzentas.

E segue doca fóra, entre os ajudantes. Os fotografos dispararam as objectivas. Para um deles:

—Nesta pequena maquina está o futuro do mundo!

Sorrisos.

Para Artur Costa, irmão de Afonso Costa:

—Não tive tempo de escrever a seu irmão.

Da minha parte: muitos cumprimentos.

Os republicanos de Sintra—despedem-se e desejam boa viagem. Teixeira Gomes desce a escada de madeira, que conduz ao gasolina da Marinha, rapidamente, saltando. A bordo tremula o distintivo presidencial. Todos tiram o chapéu, o que é correspondido. Os ajudantes, em ultima missão, seguem no gasolina, que desamarra rapido. Ouve-se um zumbido. E' um hidro avião. Mais nada.

Ao longe o «Zeus», pequeno navio holandês de carga e passageiros, o primeiro que tocou no Tejo, em rota para o Oriente, após a renuncia do Chefe do Estado.

Amanhã, ás 8 horas, «Zeus» estará frente de Setubal, onde o sr. Teixeira Gomes deve desembarcar. O resto já não é terra portuguesa: Gibraltar, Taoger, Oran—quarta feira proxima.

Sortes grandes?

só o **PINA** as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Pelos teatros

Mario Santos

Perfaz hoje 31, representações a sen:acina! peça o «Príncipe João», obra prima do teatro de Charles Meré, que tanto sucesso tem causado. O teatro S. Carlos continua tendo enchenies successivas.

A representação da companhia Lucilia Simões-Erico



MARIO DOS SANTOS

Braga é admiravel. Entre os artistas destaca-se Mario Santos que, num papel sobrio, cruel e elegante, demonstra as suas brilhantissimas qualidades. Mario Santos que é um elemento de valor, marca nesta peça um belo trabalho de estudo, que muito apreciado tem sido pelo publico e pela critica.

Augusto de Melo

Do povo ar actor Carlos Leal recebemos uma carta, que amanhã publicaremos, na qual se chama a nossa atenção para o estado do brilhante artista Augusto de Melo, bastante doente.

O «Diario de Lisboa» de:de já, incondicionalmente, está ao lado de qualquer homenagem que se venha a fazer ao ilustre professor do teatro português, que se chama Augusto de Melo.

Atrás do reposteiro

Consta que vai ser brevemente dissolvida a companhia de opereta dirigida por Armando de Vasconcelos. Fala-se, no entanto, numa nova reorganisação, não sendo estranha a entrada de elementos duma outra companhia que actualmente está trabalhando num dos nossos teatros.

—O actor Silvestre Alegria reaparece no teatro do Gimnasio na peça que se seguirá á comedia «Vida e doçura», actualmente ali em scena.

—O final da primeira parte do espectáculo que, na «Noite de Augusto Rosa», se realiza no teatro S. Luiz, é composto pelo ultimo acto da peça «D. Cesar de Bazar» e será interpretada por Adelina Abranches, Berta de Bivar e José Alves da Cunha.

—O actor Silva Sanches, actualmente fazendo parte da companhia Lucilia Simões-Erico Braga, parte em janeiro para a Africa Occidental, acompanhado da bailarina Luiza de Lerma.

—José Vitor tem feito um grande successo, no «compê» da revista «Pirlito», que está sendo representada no Foz, em «matinées» e «soirées», pela companhia de que fazem parte Maria de Lourdes Cabral, Dora Vieira, Milly Portela, Maria Pestana e Jucite Pinto, Sales Ribeiro, Holbeche Bastos, Reginaldo Duarte e Mario Viana, e os quatro bailarinos húngaros Bazarcff.

—A festa de Mendonça de Carvalho, realiza-se na proxima segunda feira, no teatro Sá de Bandeira, do Porto, com a peça «O Senhor Roubado», entrando no desempenho os artistas Silvestre Alegria e Joaquim Almada que vão, por esse facto, expressamente á capital do norte.

—Sobe amanhã á scena, no teatro Politeama, a peça «Seguro de vida», de José de Azevedo, tradução de Machado Correia. Os principais papeis são interpretados por Emilia de Oliveira e Alexandre de Azevedo.

—A revista «Fangá» só no dia 20 terá a sua «première» no Eden Teatro, e a opereta «A Flor de Tejo» só amanhã vai á scena no teatro S. Luiz.

—A actrizinha Maria Helena realisa a sua festa artistica, no teatro Sá de Bandeira, do Porto, com a peça «A Garôta».

—Os dois maiores exitos de Paris, exceptuando a peça «Sainte Jeanne», de Bernard Shaw, em scena no Theatre des Arts, são as comedias «Les nouveaux messieurs», de Flers e Croisset, que ha nove meses se representa no Theatre d'Arléne e «Le monsieur de cinq heures», que perfaz 60 representações, dentro de dias, no Theatre Palais Royal. Ambas elas foram adquiridas pela companhia Lucilia Simões-Erico Braga. A primeira deve subir á scenas logo a seguir ao «Príncipe João» e a outra na época de Carnaval.